

VARIAÇÃO NÔMADE: HENRY MILLER, FILOSOFIA E O COMBATE CONTRA O JUÍZO

Daniel Rossi (UNESP-Araraquara)¹
Maria Clara Bonetti Paro (UNESP-Araraquara)²

Resumo: *Discutimos o romance Trópico de câncer de Henry Miller partindo do conceito de nomadismo, como cunhado por Deleuze e Guattari. A relação entre filosofia e literatura é muito produtiva para ambas. Um fenômeno de dupla captura entre essas duas áreas que é característico de um pensamento nômade: a literatura de que engendra a filosofia que, por sua vez, engendra a literatura, estabelecendo conexões, novas relações entre os termos distintos em uma variação nômade que destitui a imagem clássica de pensamento de sua eminência: uma perspectiva entre filosofia e literatura como forma de discutir o nomadismo do romance de Miller. Sendo assim, o encadeamento entre filosofia e literatura tem por objetivo captar os trajetos millerianos neste novo espaço do pensamento, que se faz abdicando da origem, humana ou divina, e se coloca como pensamento produtivo e afirmativo do real em um combate travado contra a faculdade do juízo, ou simplesmente do Juízo, em todas as suas formas.*

Palavras-chave: *nomadismo; Henry Miller; Trópico de câncer; filosofia.*

Toda obra comporta uma pluralidade de trajetos que são legíveis e coexistentes apenas num mapa, e ela muda de sentido segundo aqueles que são retidos. [...] [A arte] se define assim, invocando Dioniso como o deus dos lugares de passagem e das coisas do esquecimento.

(Gilles Deleuze)

¹ Bacharel em Ciências Sociais pela UFMS, Mestre em Estudos da Linguagem pela UFMS e Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, Faculdade de Ciências e Letras da UNESP - Campus de Araraquara. E-mail: ross.dan@hotmail.com.

² Profa. Dra. Voluntária junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, Faculdade de Ciências e Letras da UNESP - Campus de Araraquara. E-mail: mariaclaraparo@yahoo.com.br.

Introdução

Procuramos discutir o romance *Trópico de câncer* (1934), de Henry Miller, partindo do conceito de nomadismo, como cunhado por Deleuze e Guattari. Com isso, nossa intenção é perceber como o romance milleariano antecipa e pode se beneficiar da relação estabelecida entre sua narrativa e o conceito dos filósofos franceses. Primeiro romance do escritor estadunidense, *Trópico de câncer* é a narrativa de um escritor fora de sua terra natal. Com sua escrita fluida e a recusa do narrador de se sedentarizar, é também a narrativa de alguém que se coloca em um combate ativo contra todas as formas interiorizadoras que buscam disciplinar o vivente em formas e espaços definidos de atuação. O conceito de *nomadismo*, proposto por Deleuze e Guattari, nos abre um campo de debate muito produtivo ao tratar diretamente com a questão do espaço e de movimentos que buscam escapar às grandes sínteses do Estado e da história.

Sendo assim, ao tratar diretamente da relação entre literatura e nomadismo, extrapolamos a esfera da teoria literária e mantemos uma perspectiva que é capaz de questionar o texto literário de outras formas: a partir de sua atuação como pensamento diferente e diferenciador, como texto que questiona o real e propõe novas formas de vida e éticas outras que não marcadas pelo formalismo ou por campos de conhecimentos que seriam validados para esse tipo de assertivas.

Em busca de um conceito: *nomadismo*

Em um texto de 1973 sobre Nietzsche, intitulado “Pensamento nômade” (Deleuze 2006: 319-329), Deleuze formula o que viria a ser uma de suas maiores contribuições à filosofia: a ascensão de um pensamento nômade, um nomadismo renovado ou que, simplesmente, continua a existir nos diferentes segmentos da vida e do pensamento. Nesse texto, nomadismo ainda não é conceito, mas uma *performance*, algo que se faz para fugir das armadilhas do Estado, das verdades eternas, do sujeito bem marcado etc. A hipótese de Deleuze se embasa na filosofia nietzschiana e no movimento intensivo de desvio de instâncias organizadoras, de sua relação com o *fora*. A conclusão do ensaio aponta certos direcionamentos para se compreender o que o autor entende por nômades:

[O] nômade não é forçosamente alguém que se movimenta: existem viagens num mesmo lugar, viagens em intensidade, e mesmo historicamente os nômades não são aqueles que se mudam à maneira dos migrantes; ao contrário, são aqueles que não mudam, e põem-se a nomadizar para permanecerem no mesmo lugar, escapando dos códigos. Sabe-se bem que o problema revolucionário, hoje, é o de encontrar uma unidade das lutas pontuais sem recair na organização despótica e burocrática do partido ou do aparelho de Estado, uma unidade nomádica em relação com o Fora, que não reproduzisse a unidade despótica interna. Eis talvez o que é mais profundo em Nietzsche [...]: ter feito do pensamento uma máquina de guerra, ter feito

do pensamento uma potência nômade. E mesmo se a viagem for imóvel, mesmo se for feita num mesmo lugar, imperceptível, inesperada, subterrânea, devemos perguntar quais são nossos nômades de hoje, que são realmente nossos nietzscheanos? (Deleuze 2006: 327-328).

Nota-se a preocupação em caracterizar os nômades como uma força que irrompe de um *fora* que se faz presente e atuante a partir de viagens imóveis, variação contínua de posições e pensamento para se permanecer no mesmo lugar. De certa maneira, nesse texto, o nomadismo é como a possibilidade que se tem para não ser desalojado do mundo a partir de elementos interiorizadores: como o Estado, a história da filosofia, ou mesmo a própria história, os partidos, a burocracia etc. O problema é não reproduzir estas organizações que barram os movimentos de criação. Portanto, os nômades seriam aqueles responsáveis pela ocupação do espaço sem uma métrica prévia: por meio da construção de um mapa os nômades conseguem escavar um *espaço liso*, livre das cadeias do Estado, da moral, política, burocracia etc.

Como se pode perceber, estas conclusões são apresentadas a partir da obra de Nietzsche, cujo pensamento está ligado a este *fora* responsável por lhe dar um sentido: “quando se abre ao acaso um texto de Nietzsche, é uma das primeiras vezes que não passamos mais por uma interioridade da alma ou da consciência, a interioridade da essência ou do conceito” (Deleuze 2006: 322). Outras discussões sobre os aforismos nietzschianos e sua relação com a filosofia são estabelecidas ao longo do texto, mas o que interessa neste momento é a *caracterização do nomadismo como movimento variável em um mesmo lugar – viagem imóvel – e como algo que vem de fora*, o que é de extrema importância para entender *Trópico de Câncer*.

Mil platôs: o conceito enfim aparece

Se o nomadismo ainda não era um conceito bem definido, apenas uma noção mais ou menos esquematizada por Deleuze ao trabalhar com a obra nietzschiana, em *Mil platôs*, no platô intitulado “1227 – Tratado de Nomadologia: a máquina de guerra” (Deleuze; Guattari 1997: 11-110), ele será trabalhado mais detidamente e tomará uma grande importância. Vale lembrar que um espaço de sete anos separa o texto de Deleuze sobre Nietzsche e o lançamento de *Mil platôs* (1980), lembrando também que esta obra é escrita em conjunto com Félix Guattari.

Na texto dos filósofos franceses, os nômades aparecem atrelados a um tipo de espaço criado a partir de seus movimentos e, novamente, ligados a uma imagem do pensamento. A questão primeira a ser respondida é: o que seria esta “imagem do pensamento que recobriria todo o pensamento, que constituiria o objeto especial de uma ‘noologia’, e que seria como a forma-Estado desenvolvida no pensamento” (Deleuze; Guattari 1997: 43)? O que a constitui? Como ela procede? Primeiro, temos que estabelecer qual é a forma do pensamento que recobre todo o pensamento, ou seja, de que maneira o pensamento é concebido e o que esta concepção implica para o que seja pensar:

Acontecem criticarem conteúdos de pensamento julgados conformistas demais. Mas a questão é primeiramente a da própria forma. O pensamento já seria por si mesmo conforme a um modelo emprestado do aparelho de Estado, e que lhe fixaria objetivos e caminhos, condutos, canais, órgãos, todo um *organon*. Haveria portanto uma imagem do pensamento que recobriria todo o pensamento [...]. Esta imagem possui duas cabeças que remetem precisamente aos dois pólos da soberania: um *imperium* do pensar-verdadeiro, operando por captura mágica, apreensão ou liame, constituindo a eficácia de uma fundação (*muthos*); uma república dos espíritos livres, procedendo por pacto ou contrato, constituindo uma organização legislativa e jurídica, trazendo a sanção de um fundamento (*logos*). [...] Contudo, não se deve descartar que, para passar de uma à outra, seja preciso um acontecimento de natureza inteiramente diferente, “entre” as duas, e que se oculta fora da imagem, que ocorre fora dela. Porém, se nos atemos à imagem, constatamos que não se trata de uma simples metáfora, cada vez que nos falamos de um *imperium* e de uma república dos espíritos. É a condição de constituição do pensamento como princípio ou forma de interioridade, como estrato (Deleuze; Guattari 1997: 43-44).

Observa-se, então, que a imagem do pensamento é a constituição do pensamento como interioridade, ou seja, a partir de um estriamento primeiro, de uma “agrimensura” dos conteúdos passíveis de serem pensados – da criação de canais ou etapas pelos quais o pensamento *deve* passar –, uma forma de pensamento se apropriaria destes conteúdos e os interiorizaria. Desta maneira, a imagem do pensamento se torna a validadora dos próprios termos e critérios de sua *própria* manutenção. Podemos perceber a redundância que faz com que a imagem do pensamento recubra o pensamento, mas que *não* seja ele: ela se coloca como fundação e legitimação dos conteúdos do pensamento, do próprio pensar. Deleuze e Guattari descrevem a imagem clássica/estatal do pensamento, sua formação e instauração e, posteriormente, o pacto que colocaria o intelectual (espírito livre) em uma república que garantiria tanto a sua permanência quanto a permanência de um estado de coisas determinado, no caso, o aparelho de Estado como forma de interiorização de onde o pensamento toma sua imagem:

A imagem clássica do pensamento, a estriagem do espaço mental que ela opera, aspira à universalidade. Com efeito, ela opera com dois “universais”, o Todo como fundamento último do ser ou horizonte que o engloba, o Sujeito como princípio que converte o ser em ser para-nós. *Imperium* e república. Entre um e outro, todos os gêneros do real e do verdadeiro encontram seu lugar num espaço mental estriado, do duplo ponto de vista do Ser e do Sujeito, sob a direção de um “método universal” (Deleuze; Guattari 1997: 49).

A partir destes dois universais, Todo e Sujeito, esta imagem estatal do pensamento pode qualificar e legitimar os tipos de conhecimento que podem ter

validade ou não. De certa maneira, ela aspira a interiorizar tudo o que pode, mas sempre escapa alguma coisa. Outra forma de pensamento se insinua *entre* o Todo e o Sujeito, desestabilizando uma ordem ideal de maneira a só ser recuperada posteriormente: o pensamento nômade escapa a esta grande utopia da República de espíritos livres e só será domado através da violência. *Entre* o Sujeito e o Todo, passam conhecimentos e novas formas de pensar não condizentes com o método universal da imagem estatal do pensamento. E é justamente este *entre* que interessa aqui e também a Deleuze e Guattari: este *entre* é “um movimento transversal que as carrega uma e outra [no caso, Todo e Sujeito], riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio” (Deleuze; Guattari 1995: 39).

O *fora* possivelmente pode caracterizar esse *entre*, essa fissura entre os dois pólos da imagem de pensamento estatal que ainda impera: um pouco de ar, um espaço para os nômades passarem, para conteúdos de pensamento nômade poderem passar. Este fora é como o *impensado* no pensamento, “onde se agitam pontos singulares e relações de forças entre esses pontos. (...) um fora mais longínquo que qualquer forma de exterioridade” (Deleuze 2005: 129). Em Nietzsche, esse movimento é apresentado na figura do filósofo como flecha:

A natureza joga o filósofo como uma flecha no meio dos homens, ela não visa, mas espera que a flecha venha a se cravar em algum ponto. Fazendo isso, ela se engana um número infinito de vezes e fica exasperada com isso. [...] O artista e o filósofo testemunham contra o sentido prático da natureza na escolha de seus meios, ainda que estes sejam a mais excelente prova da sabedoria de seus fins. Eles só afetam poucas pessoas, quando deveriam afetar a todas, e mesmo estas poucas pessoas não são afetadas pela força que o filósofo e o artista deram a seu projétil (Nietzsche 2004: 201).

Mas não se estaria erigindo, desta maneira, outra imagem do pensamento? O pensamento e o pensador como uma flecha atirada a esmo, a força que se dá ao projétil, seu percurso do *fora* não à interioridade, mas à criação de um espaço do *fora* no dentro: uma fissura (Deleuze 2005: 101-130). Permanecer nesta dualidade é a armadilha do Estado: fazer escolher qual a dicotomia mais confortável, mais de acordo com sua própria forma de pensamento. Por que o que seria opor o pensamento do exterior ao de interioridade se não submetê-lo a uma lógica dualista, dicotômica? A grande contribuição de Deleuze e Guattari é mostrar que esta não seria outra imagem do pensamento que se oporia à imagem clássica:

A forma de exterioridade do pensamento – a força sempre exterior a si ou a última força, a enésima potência – não é de modo algum uma *outra imagem* que se oporia à imagem inspirada no aparelho de Estado. Ao contrário, é a força que destrói a imagem e suas cópias, o modelo e suas reproduções, toda possibilidade de subordinar o pensamento a um modelo do Verdadeiro, do Justo ou do Direito (o verdadeiro cartesiano, o justo kantiano, o direito hegeliano, etc.). Um “método” é o espaço estriado da *cogitatio universalis*, e traça um caminho que deve ser

seguido de um ponto a outro. Mas a forma de exterioridade situa o pensamento num espaço liso que ele deve ocupar sem poder medi-lo, e para o qual não há método possível, reprodução concebível, mas somente revezamentos, *intermezzi*, relances. O pensamento é como o Vampiro, não tem imagem, nem para constituir modelo, nem para fazer cópia. No espaço liso do Zen, a flecha já não vai de um ponto a outro, mas será recolhida num ponto qualquer, para ser relançada a um ponto qualquer, e tende a permutar com o atirador e o alvo. O problema da máquina de guerra e o dos revezamentos, mesmo com meios parcos, e não o problema do modelo arquitetônico ou do monumento. Um povo ambulante de revezadores, em lugar de uma cidade modelo (Deleuze; Guattari 1997: 47).

O pensamento é sempre uma tribo, uma multiplicidade. Esse revezamento, essa descontinuidade, são característicos da construção de um mapa sempre mutante: uma linha zigzagueante, um movimento aberrante que percorreria vários pensadores, escritores, artistas etc. Esse pensamento do *fora*, ou pensamento como exterioridade, não configura *outra* imagem do pensamento porque *não é cópia* de um modelo, assim como não forma uma imagem de onde possam ser efetuadas cópias. Como diz Peter Pál Pelbart: “pode-se dizer que o pensamento rizomático, tal como os autores o definem no início de *Mil Platôs*, responde perfeitamente a essas exigências” e, sendo assim, na “exterioridade pura, apenas aí o pensamento como multiplicidade (tribo) pode deslocar-se fora das estriagens do ‘espaço mental’ imposto pelas imagens clássicas do pensamento” (Pelbart 2005: 30). No entanto, uma pergunta surge a partir destas colocações: por que “espaço mental estriado” ao falar da imagem clássica do pensamento?

Segundo Deleuze e Guattari, os nômades são responsáveis pela criação de um tipo de espaço: *espaço liso*. Em sua construção, existem dois elementos primordiais: 1) um espaço não geometrizável, no sentido de não mensurado (estriado); 2) o espaço liso é um espaço de imanência absoluta, ou seja, não existe termo transcendente ou centro de poder que seja responsável por domá-lo ou mensurá-lo. Estas características do *espaço liso* são apresentadas em contraposição ao *espaço estriado*, que se configura como o espaço de um método pré-definido onde todas as rotas estão previamente demarcadas. Isto posto, o *espaço liso* seria um espaço livre de medição e mensuração, sem “método” para predeterminar os rumos do pensamento: ele instauraria um espaço relacional “construído” conforme as necessidades deste pensamento da exterioridade: “um povo ambulante de revezadores, em lugar de uma cidade modelo” (Deleuze; Guattari 1997: 47).

Pode-se dizer que existe uma contradição entre imanência e exterioridade, mas isso só pode ser afirmado a partir de uma avaliação dialética (a antiga armadilha do pensamento estatal): a imanência implica relações de devir em um plano que rejeita termos transcendentais e centralizadores. A própria criação do espaço liso é a criação de um espaço onde somente relações “exteriores” podem ser realizadas, ou seja, relações de proximidade, de vizinhança e não de interioridade entre os sujeitos. O “eu penso, logo existo” cartesiano, já criticado por Nietzsche, é aqui destituído de validade já que a fórmula se torna, simplesmente, “*Penso*”. Mas quem pensa? Pode-se

sempre dizer que existe um sujeito oculto, nada mais que um sujeito... Ou, como afirmam os autores, que o pensamento se faz através de um impessoal, o pensamento como relação de exterioridade entre os termos, em um processo de subjetivação. Como dito anteriormente, se a imagem do pensamento necessitava de dois pólos – Todo e Sujeito – para se constituir como interioridade, no espaço liso estes termos transcendentais são expulsos em favor de relações de devir, que se fazem a partir de encadeamentos locais e impessoais:

Desde logo é fácil caracterizar o pensamento nômade que recusa uma tal imagem [estatal ou clássica] e procede de outra maneira. É que ele não recorre a um sujeito pensante universal, mas, ao contrário, invoca uma raça singular; e não se funda em uma totalidade englobante, mas, ao contrário, desenrola-se num meio sem horizonte, como espaço liso, estepe, deserto ou mar. Estabelece-se aqui outro tipo de adaptação entre a raça definida como “tribo” e o espaço liso definido como “meio” (Deleuze; Guattari 1997: 49).

Lembremos desta passagem que nos ajuda a compreender *Trópico de câncer* pela perspectiva do nomadismo: o pensamento nômade “não recorre a um sujeito pensante universal, mas, ao contrário, invoca uma raça singular”.

Variação trópico-nômade

Trópico de câncer é uma obra nômade. Mas como afirmar isso de maneira tão pragmática? É de interesse relacionar os nômades, como apresentados pela filosofia de Deleuze e Guattari, com os *inumanos* que são clamados pela narrativa milleriana:

Em outros tempos, eu achava que ser humano era o objetivo mais alto que um homem podia ter, mas vejo agora que isso se destinava a destruir-me. Hoje, orgulho-me em dizer que sou *inumano*, que não pertencço a *homens e governos* [Grifos nossos], que não tenho nada a ver com crenças e princípios. Nada tenho a ver com a maquinária rangente da humanidade, eu pertencço à Terra! Digo isso deitado em meu travesseiro e sinto os chifres nascendo na minha testa. [...] Um homem que pertence a essa raça [os inumanos] precisa ficar em pé no lugar alto, com palavras desconexas na boca, e arrancar as próprias entranhas. [...] Quero rios que criem oceanos [...], rios que não sequem no vazio do passado. Oceanos, sim! Tenhamos mais oceanos, novos oceanos que apaguem o passado, oceanos que criem novas formações geológicas, novas vistas topográficas e continentes estranhos e assustadores, oceanos que destruam e preservem ao mesmo tempo, oceanos nos quais possamos navegar, partir para novas descobertas, novos horizontes. [...] precisamos procurar fragmentos, lascas, unhas dos dedos dos pés, qualquer coisa que contenha mistério, que seja capaz de ressuscitar corpo e alma. [...] Fora biografias, histórias, bibliotecas e museus! Que

os mortos comam os mortos. Dancemos nós, os vivos, à beira da cratera, uma última e agonizante dança. Mas que seja uma dança! (Miller 2006: 324-327).

O oceano é o espaço liso, espaço não-mensurado de ocupação nômade. Miller utiliza *inumano*, mas veremos que os termos nômade/inumano acabam se tornando indissociáveis. A ocupação deste espaço-liso, oceano, é a fabricação de um espaço livre das estrias do Estado, isso de duas maneiras: como maneira de escapar à imagem do pensamento estatal – do Todo e do Sujeito; e maneira de se livrar de governos e outros tipos de dominação. Esta citação de Miller parece congrega o conceito de nomadismo em sua totalidade, cabendo perguntar se Miller antecipa Deleuze e Guattari ou se existe um *Intempestivo* que liga os autores no tempo, uma área de passagem que possa explicar essa confluência: o pensamento é uma tribo e requer esses revezadores que atirem a flecha aleatoriamente, sempre a lugares diferentes, sempre de *fora*.

Poderíamos ser perguntados: basta criar outro espaço? Seria tudo tão simples assim? De maneira alguma. *Trópico de câncer* é a obra de um nômade, ou seja, uma obra que não passará despercebida e muito menos deixada em paz, aliás, podemos afirmar isto de quase toda obra de Miller. Com isso queremos dizer que existe um movimento constante para se livrar das armadilhas impostas por instituições, governos e moral: um movimento *intensivo* de deslocamento, mais do que um movimento no espaço. Essa característica incomoda até os críticos que admiram o trabalho de Miller. Como é o caso de Henk van Gelre:

Admito que Miller não tem disciplina, embora disciplina não me pareça a palavra apropriada. Acho *decepcionante que ele flutue de uma ideia para outra, de uma filosofia para outra, fugindo da de ontem para a de hoje; assemelha-se nisso ao viajante que, em cada novo lugar a que chega, abandona o que adquirira ou ganhara antes, de tal modo que, no fim da longa viagem – a viagem de sua vida – volta para casa sem lucro [grifos nossos]. Vocês podem ver aí uma consequência direta daquilo que eu admirava nele: uma vida sem princípio, na qual pretende ser ele próprio (Van Gelre 1969: 116).*

Van Gelre se decepciona com a escrita de Miller, e com o próprio Miller, justamente por seu aspecto nômade, sua vivência do presente em contraposição ao passado, *fugindo da filosofia de ontem para a de hoje*. Ele abandona tudo, nada carrega, nada traz que ganhou em outro tempo... Aí chega o momento da censura: *volta pra casa sem lucro!* Os sedentários do pensamento estatal não compreendem os nômades. Como afirmar que Miller volta sem nada para casa? O autor realmente volta e se estabelece em algum lugar após *Trópico de câncer*? Acreditamos que o movimento intensivo de Miller não consegue ser compreendido por Van Gelre: o foco deste último é a volta para casa, é o sedentarismo. – *Se viajas, um dia terás que voltar! E o que trazes? Nada! Nenhum lucro, nada de palpável, nada de definitivo: apenas movimento, apenas experiência sem valor, já que não existe um relato cronológico e estruturado disciplinadamente!* Os críticos não compreendem o nomadismo na obra de Miller...

Nomadismo que é característico de sua escrita, já no momento em que responde o que é um artista, um escritor:

Quem escreve os grandes livros? Não somos nós que assinamos. O que é um artista? É um homem que tem antenas, que sabe como se grudar às correntes que estão na atmosfera, no cosmos; ele apenas tem essa facilidade de se grudar nelas, como elas são. Quem é original? Tudo que estamos fazendo, tudo que pensamos, já existe, somos apenas intermediários, isso é tudo, aqueles que usam o que está no ar. Porque ideias, porque grandes descobertas científicas quase sempre ocorrem em diferentes partes do mundo ao mesmo tempo? O mesmo é verdade para os elementos que fazem parte na feitura de um poema ou um grande romance ou qualquer trabalho artístico. Eles já estão no ar, não foi dada voz a eles, isso é tudo. Eles precisam *do* homem, *do* intérprete, para trazê-los à frente³ (Miller; Wickes 2004).

A posição de Miller é, no mínimo, inusitada. Primeiramente, ele acaba com a figura do escritor como o grande intelectual fechado em seu gabinete, que pensa e *interpreta* o mundo se excluindo do mesmo (sedentarização do pensamento, método). O escritor está, na verdade, imerso até o pescoço no mundo e sua função é *grudar* nas correntes que atravessam a vida, que dão sentido a ela, que nos movem. Diferente dos sedentários, o escritor nômade está em constante movimento, arrastado por fluxos que o atravessam, suas antenas captando o máximo que conseguirem. Segunda característica: um movimento no próprio tempo, que, no mínimo, faz vacilar o conceito de originalidade: a partir de agora o que veio antes ou depois, a questão da inspiração, pouco importam. Se o escritor é um mediador e sua principal característica é ter antenas, todos os livros já foram escritos, tudo já foi feito, tudo está no ar. Falta a voz, falta aquele que consegue se *ligar* a esses fluxos, sem interpretá-los, mas fazê-los passar, tentar fazer a vida passar.

Se o nomadismo é caracterizado por uma luta contra a interioridade, portanto o livro é uma das formas a serem abolidas. Segundo Pelbart: “a história, o livro, o Estado, são formas de interioridade construídos segundo o tempo de captura e conciliação de um Todo e de um Sujeito” (Pelbart 2005: 115). Lembremos do início de *Trópico de câncer*, e a recusa radical em se manter sob a tutela de qualquer forma de interioridade imposta ao romance:

É este aqui? Este não é um livro. É uma difamação, uma calúnia, uma falta de caráter. Não é um livro no sentido comum da palavra. Não, este é um longo insulto, uma cusparada na cara da Arte, um chute na bunda

³ Todas as traduções são de nossa responsabilidade. Trecho original: “*Who writes the great books? It isn't we who sign our names. What is an artist? He's a man who has antennae, who knows how to hook up to the currents which are in the atmosphere, in the cosmos; he merely has the facility for hooking on, as it were. Who is original? Everything that we are doing, everything that we think, exists already, and we are only intermediaries, that's all, who make use of what is in the air. Why do ideas, why do great scientific discoveries often occur in different parts of the world at the same time? The same is true of the elements that go to make up a poem or a great novel or any work of art. They are already in the air, they have not been given voice, that's all. They need the man, the interpreter, to bring them forth*”.

de Deus, do Homem, do Destino, do Tempo, do Amor, da Beleza, do que você quiser (Miller 2006: 8).

Vários nomes são dados às duas instâncias de interiorização do pensamento: Deus (Todo)-Homem (Sujeito), Tempo (Todo)-Destino (Sujeito). A cusparada, o chute na bunda destas instâncias é justamente a tentativa da liberação tão almejada. Liberação que começa com a recusa da forma clássica do livro e vai até a criação de um espaço nômade que “se oferece com suas metamorfoses numa exterioridade pura, e segundo um ‘tempo liberado’” (Pelbart 2005: 115). O romance é categórico nesse sentido: onde nos procuram, é aí onde não estamos, sempre fugindo, sempre em movimento no tempo e no espaço: paradoxo dos paradoxos, o nômade foge porque permanece no mesmo lugar. O *vitalismo milleriano* (Bradbury 1991: 132) é justamente esse nomadismo, esse movimento intensivo responsável por um vitalismo renovado na escritura:

Escreve-se em função de um povo por vir e que ainda não tem linguagem. Criar não é comunicar mas resistir. Há um liame profundo entre os signos, o acontecimento, a vida, o vitalismo. É a potência de uma vida não orgânica, a que pode existir numa linha de desenho, de escrita ou de música. São os organismos que morrem, não a vida. Não há obra que não indique uma saída para a vida, que não trace um caminho entre as pedras (Deleuze 1992: 179).

Trópico de câncer é esse espaço nômade, liberado, exterior: uma abertura, um passar entre as categorias de Todo e Sujeito. Espaço nômade-inumano de transumância: uma dobra responsável pela criação de um espaço onde respirar, *viver*.

Inumanidade nômade?

A temática da inumanidade pode ser explicada pela ânsia do narrador em tentar se caracterizar como alguém fora do mundo, a partir de um movimento no mesmo lugar que o desterritorializa, que desfaz seus laços com a moral, a política, as instituições sociais: esse movimento de desligamento, de não pertencimento, é característica daqueles que não se curvam perante as armadilhas do Estado, do pensar verdadeiro. *Inumanizar-se* é tornar-se humano por outros meios, é habitar e criar um espaço liso, sem as estrias do Estado, sem uma métrica estatal no pensamento representada por um método. Se existe método, ele é feito ao sabor das correntes que arrastam o escritor, que fazem suas antenas vibrarem em seu fluxo: “O que é um artista? É um homem que tem antenas, que sabe como se grudar às correntes que estão na atmosfera, no cosmos; ele apenas tem essa facilidade de se grudar nelas, como elas são” (Miller; Wickes 2004).

Como dissemos anteriormente, o pensamento é uma tribo, sempre clama por um povo menor: ao artista sempre falta um povo, um povo de revezadores responsáveis por lançar a flecha mais longe, em outras direções, outros sentidos. O

inumano em Miller não é apenas o devir do escritor, ele também inclui esta tribo de revezadores na multiplicidade nômade de seu romance:

Vejo essa outra raça de indivíduos esquadrihando o universo, virando tudo de cabeça para baixo, os pés sempre pisando em sangue e lágrimas, as mãos sempre vazias se estendendo na tentativa de agarrar o além, o deus fora do alcance: matando tudo o que podem para acalmar o monstro que lhe rói as entranhas. [...] E tudo quanto estiver além deste espetáculo assustador, tudo que causar menos sobressalto, menos terror, o que for menos louco, menos inebriante, menos contagiante, não é arte. O resto é falsificação. O resto é humano. O resto pertence à vida e à ausência de vida (Miller 2006: 235).

Crueldade combativa, essa raça inumana não busca a verdade: onde existe um espaço estriado, os inumanos fabricam um espaço liso, viram tudo de cabeça para baixo, atravessam sangue e lágrimas no seu combate. O monstro que rói suas entranhas é uma capacidade criativa e intensiva de vida que os impele sempre mais longe, em direção a esse além, ao limiar mais longínquo, longe de tudo que tenta colmatar seu fluxo. Longe das garras de Apolo, o grande cortejo de Dioniso abre seu caminho: a grande raça inumana de destruidores de ídolos e intensificadores de vida. Mas esta inumanidade se expressa também em seu combate contra o juízo em todas as suas formas. Em “Para dar um fim ao juízo” (Deleuze 1997), Deleuze trabalha com autores que combateram esta faceta da *sombra de um deus morto* que ainda permanece ativa na imagem-estatal do pensamento: o filósofo francês apresenta o combate nômade-inumano, combate pela fluxão nômade em contrapartida à sedentarização estatal.

Em seu texto, Deleuze trabalha com a obra de quatro autores que seriam responsáveis por se desvencilhar do *juízo de Deus*: Nietzsche, Lawrence, Kafka e Artaud. Na realidade a questão é muito maior: como fazer para escapar do juízo, de *todo* e *qualquer* juízo, e se abrir ao novo? A faculdade do juízo implica uma “relação suposta entre a existência e o infinito na *ordem* do tempo. Àquele que se atém a essa relação é dado o poder de julgar e ser julgado” (Deleuze 1997: 144). Neste caso, o juízo de conhecimento implica “uma forma moral e teológica primeira, segundo a qual a existência estava relacionada com o infinito conforme uma ordem do tempo: o existente como tendo uma dívida para com Deus” (Deleuze 1997: 144). O que aparece aqui é a interrogação sobre os termos responsáveis por estabelecer uma dívida infinita entre o existente e a faculdade do juízo, responsável por uma ordenação das culpas, penas e, por que não, do próprio conhecimento.

Ainda segundo Deleuze, estes autores são responsáveis por experiências-limite para se livrarem do juízo exterior em todas as suas formas. O que sobressai no texto é a questão da justiça, e não do juízo, como forma relacional, onde os existentes se enfrentam “e se dão reparação segundo relações *finitas* que só [se] constituem [n]o *curso* do tempo” (Deleuze 1997: 144). Esta discussão se mostra pertinente, pois aborda a questão do juízo, da liberação de termos judicativos exteriores aos envolvidos, que é também um problema que *Trópico de câncer* levanta: se a experimentação de Miller com a escrita e com formas novas, que não a *forma-livro*,

causou tanto furor em parte da crítica e dos governos que proibiram sua obra durante tanto tempo, acreditamos que não foi somente por seu conteúdo dito pornográfico. Se o principal problema era o sexo, e Carpeaux insiste nesta razão para a censura do livro no Brasil, afirmamos que *Trópico de câncer* era e é um livro perigoso⁴ também por seu conteúdo libertário e provocador, em seu combate às transcendências e ao Estado de coisas circundante, já que libera forças responsáveis por opor resistência a outras forças que poderiam vir a domá-lo. Combater o juízo (moral, político) é um dos problemas que se apresentam mais fortemente. Mais ainda quando tratamos o romance a partir do conceito de nomadismo.

Cinco características parecem opor resistência ao juízo e sua economia da dívida: “a crueldade contra o suplício infinito, o sono ou a embriaguez contra o sonho, a vitalidade contra a organização, a vontade de potência contra um querer-dominar, o combate contra a guerra [grifos nossos]” (Deleuze 1997: 153). A primeira delas é opor um sistema de juízo transcendente ao jogo imanente das forças e atores responsáveis por suas próprias vidas. Acabar com a dívida infinita, a crueldade sem limites de uma culpa impagável, é acabar com a divindade: é dar “um chute na bunda de Deus”, como escreve Miller, é propor que as faltas cometidas ou ações exóticas à moral prevalecente são vistas como atos criativos e, mesmo se foram eticamente condenáveis, são pagas aqui e agora – não em um *além* que cobra sua dívida inexoravelmente em qualquer lado em que estivermos. A segunda característica é escapar das armadilhas do sonho:

Apolo é ao mesmo tempo o deus do juízo e o deus do sonho: é Apolo quem julga, impõe limites e nos encerra na forma orgânica; é o sonho que encerra a vida nessas formas em nome das quais a julgamos. O sonho ergue os muros, nutre-se da morte e suscita as sombras, sombras de todas as coisas e do mundo, sombras de nós mesmos. [...] É nos estados de embriaguez, bebidas, drogas, êxtases que se buscará o antídoto ao mesmo tempo do sonho e do juízo (Deleuze 1997: 147).

Êxtase pelo qual *Trópico de câncer* clama, pelo qual os inumanos aparecem, transformando o mundo, criando mundos. O nomadismo não é apenas político, estético, mas carrega também uma carga de vida. Ser nômade inclui uma nova forma de existência, a vida como obra de arte. E o conteúdo extático, além da carga liberadora frente ao juízo e ao sonho, carrega também um novo tipo de *homem*: na verdade não mais homem, não mais humano... Inumano, nômade: na narrativa de Miller e aqui, como esperamos ter mostrado, a terminologia se confunde, a filosofia e a literatura se entrelaçam de maneira irreversível:

⁴ Otto Maria Carpeaux escreve um artigo irônico (1977) sobre a disponibilidade da obra *Trópico de câncer* no Brasil, que só podia ser encontrada em língua inglesa já que a tradução fora proibida. Como diz Carpeaux: “Não é possível traduzir certos trechos, cuja citação é, no entanto, indispensável. Bem consciente do perigo moral a que estas citações poderiam expor os leitores desta revista, vou nesses casos citar o original em inglês, língua que é – espero vivamente – idioma exótico, desconhecido dos protetores dos bons costumes da população brasileira” (Carpeaux 2004: 348).

Se sou inumano é porque meu mundo transbordou das fronteiras humanas, porque ser humano parece uma coisa pobre, triste, miserável, limitada pelos sentidos, *restrita pela moral e pela lei, definida pelos lugares comuns e pelos ismos*. Eu derrubo o suco de uva na minha garganta e encontro nele sabedoria, mas minha sabedoria não nasce da uva, minha embriaguez não deve nada ao vinho (Miller 2006: 236).

Embriaguez sóbria, vinda do suco da uva. O apóstolo de Dioniso (Nietzsche 1996)⁵, Henry Miller, segue seu cortejo embriagado por sua própria alegria, por escapar ao juízo, às transcendências. Aqui encontramos a terceira característica para dar fim ao juízo: a vitalidade contra a organização. Vitalidade essa que é responsável por aniquilar o mundo do sonho por um mundo de embriaguez. Vitalidade capaz de desfazer a organização do próprio corpo, retirar o organismo que compartimenta e ordena o corpo em prol de novas formas responsáveis por acabar com o juízo. Os fluxos, o jorro esquizofrênico:

De repente, vejo uma fenda escura e cabeluda na minha frente colocada numa bola de bilhar polida e brilhante; as pernas me prendem como uma tesoura. Dou uma olhada naquela ferida escura e descosturada e uma profunda *fissura* se abre na minha mente: *todas* as imagens e lembranças que foram cuidadosa ou distraidamente classificadas, rotuladas, documentadas, arquivadas, seladas e carimbadas, *surgem numa confusão* como formigas saindo de um buraco na calçada. O mundo pára de girar, o tempo pára, *o próprio nexos dos meus sonhos se rompe e se dissolve*, minhas tripas saem num grande jorro esquizofrênico, uma evacuação que me deixa cara a cara com o Absoluto (Miller 2006: 227-228).

A quarta característica é não querer dominar nada, mas ter a vontade de potência necessária para opor-se ao sistema de violência que quer tudo domar. Mesmo os conteúdos de *Trópico de câncer* obedecem à lógica da vontade potência: se Miller é crítico, é por fazer sua força aumentar com a força dos conteúdos que maneja, não por se engajar em uma guerra contra tudo e todos. A guerra é o mais baixo combate, é vontade de domínio, não vontade de potência. Por isso a recusa milleriana em erigir um método de escrita responsável por estabelecer uma guerra contra a literatura, o livro etc. Seu radicalismo está em fazer esta nova forma, em opor a alegria do aumento de potência à tristeza e estupidez da guerra, mais uma das faces do juízo:

Fiz um pacto tácito comigo de não mudar uma linha do que escrevo. Não estou interessado em melhorar meus pensamentos nem meus atos. [...] Hoje, só uma coisa me interessa muito, é registrar tudo que está omitido dos livros. Ninguém, pelo que sei, usa esses elementos

⁵Em *O nascimento da tragédia*, Nietzsche desenvolve as diferenças entre a perspectiva apolínea e dionisíaca estabelecendo, a nosso ver, a base das considerações de Deleuze.

existentes no ar que dão direção e motivação a nossa vida (Miller 2006: 16).

Por último, a quinta característica para acabar com juízo, que abordamos em conjunto com a quarta é: *o combate contra a guerra*. “O combate não é de modo algum a guerra. A guerra é somente o combate-contra, uma vontade de destruição, um juízo de Deus que converte a destruição em algo ‘justo’” (Deleuze 1997: 151). O combate se dá *entre* as forças em interação em determinado momento: “O combate [...] é essa poderosa vitalidade não-orgânica que completa a força com a força e enriquece aquilo de que se apossa” (Deleuze 1997: 151). Apossar: verbo interessante ao caracterizar o combate. Lembremos do verbo utilizado para definir a relação dos nômades com o espaço: *ocupar*. Diferente de medir, esquadrinhar: ocupar é se apossar do espaço, estabelecer relações de vizinhança e de potência.

O combate para dar fim ao juízo é também tarefa dos nômades: a raça inumana-nômade de Miller em *Trópico de câncer* está engajada neste combate. O romance está diretamente ligado a esse devir-nômade que tenta ocupar a terra novamente, expulsando seus termos transcendentais, judicativos. Acabar com o espaço estriado no pensamento: *contra o método*. A aliança entre literatura e filosofia no combate: para dar fim ao juízo, à dívida infinita em prol da embriaguez dionisíaca, de novas formas de vida.

Considerações finais

A relação entre filosofia e literatura é muito produtiva para ambas. Como esperamos ter mostrado, existe um fenômeno de dupla captura que entre essas duas áreas: a literatura de que engendra a filosofia que, por sua vez, engendra a literatura, estabelecendo conexões, novas relações entre os termos distintos em uma variação nômade que destitui a imagem clássica de pensamento de sua eminência (Deleuze; Parnet 2004). Este tipo de perspectiva também nos proporcionar discussões que coloquem em jogo não apenas as características formais de uma obra literária, mas também suas implicações éticas e a importância da literatura para pensarmos em várias esferas que não apenas a estética e as inovações formais que uma obra traz.

Trópico de câncer é uma obra nômade: não só pelo fato do deslocamento espacial de seu autor, mas também pela viagem intensiva de que o romance é a experiência. O emaranhado temporal da escritura (que não separa o momento da escrita da maneira como o romance foi escrito) congrega a experimentação do autor com o fazer literário em uma pragmática que extrapola a ideia da anterioridade factual da experiência da escritura. Acabar com o juízo, se desfazer do Juízo, é combater as formas interiorizadoras, criar linhas de fuga, começar sempre pelo meio: criar esse espaço liso de variação infinita, local de transumância nômade-inumana em seu combate infundável de reapropriação do mundo, de um devir-mundo que produza novas relações, sempre diferentes, sempre outras, escapando às armadilhas do Estado e insistindo no mais alto patamar de singularidade: o devir-mundo pessoal.

À guisa de conclusão, resta asseverar que com este artigo o intento foi discutir a obra de Henry Miller justamente a partir do deslocamento do foco de análise da teoria literária em si para um campo aparentado, no caso a filosofia, que pode oferecer outros tipos de questionamentos e de conclusões acerca de *Trópico de câncer* como fruto de um pensamento nômade. A filosofia de Deleuze e Guattari em conjunto com o romance de Henry Miller oferecem caminhos e perspectivas diferenciadas para a literatura e a filosofia: estabelecer relações diferentes entre termos diferenciados de maneira a abdicar da eminência de um saber sobre o outro: o pensamento como rizoma que desfaz as transcendências. Ou seja, procuramos tomar *Trópico de câncer* e a filosofia de Deleuze e Guattari como catalisadores para outras formas de pensamento que se fazem em interação constante entre termos diferentes, entre áreas diferentes, que pode contribuir para instauração de uma nova imagem de pensamento: a ascensão de um pensamento nômade.

NOMAD VARIATION: HENRY MILLER, PHILOSOPHY AND THE COMBAT AGAINST JUDGMENT

Abstract: We discuss Henry Miller's novel *Tropic of Cancer* based on the concept of nomadism, as coined by Deleuze and Guattari. The relation between philosophy and literature is very productive for both. A phenomenon of dual capture between these two areas that is characteristic of a nomadic thinking: literature that engenders philosophy which, in turn, engenders literature, establishing connections, new relations between terms in a distinct nomad variation that dismisses the classical image of thought of its eminence: a perspective *between* philosophy and literature as form of discussing the nomadism in Miller's novel. Thus, the linkage between philosophy and literature aims to capture the Millerian paths on this new space of thought, which is achieved by giving up any origin, human or divine, and stands as productive thought that affirms the real in a combat waged against the faculty of judgment, or simply of Judgment, in all its forms.

Keywords: nomadism; Henry Miller; *Tropic of cancer*; philosophy.

REFERÊNCIAS

BRADBURY, Malcolm. *O romance americano moderno*. Tradução: Barbara Heliadora. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.

CARPEAUX, Otto Maria. *Trópico de Câncer* – de Henry Miller. In: SEIXAS, Heloísa (org). *As obras-primas que poucos leram*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

DELEUZE, Gilles. *Conversações, 1972-1990*. Tradução: Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992.

_____. Para dar um fim ao juízo. In: DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. Tradução: Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1997, p. 143-153.

_____. *Foucault*. Tradução: Claudia Sant'Anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 2005.

_____. Pensamento nômade. In: DELEUZE, Gilles. *A ilha deserta: e outros textos*. Org. da tradução: Luiz B. Orlandi. São Paulo: Iluminuras, 2006, p. 319-329.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução: Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 1995, vol. 1.

_____. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução: Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Editora 34, 1997, vol. 5.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. Tradução: José Gabriel Cunha. Lisboa: Relógio d'água, 2004.

MILLER, Henry. *Trópico de câncer*. Tradução: Beatriz Horta. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

MILLER, Henry; WICKES, George. The art of fiction: Henry Miller. In: *The Paris review*, n. 28, 2004. Disponível em:
<http://www.theparisreview.org/media/4597_MILLER_H.pdf>, acesso em 05 Maio 2010.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Escritos sobre educação*. Organização e tradução: Noéli Correia de Melo Sobrinho. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

_____. *O nascimento da tragédia, ou helenismo e pessimismo*. Tradução: J. Ginsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

PELBART, Peter Pál. *O tempo não-reconciliado*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2005.

VAN GELRE, Henk. A linguagem da vida. In: NASCIMENTO, Esdras do. *O mundo de Henry Miller*. Rio de Janeiro: Gráfica Editora Record, 1969, p. 109-117.

ARTIGO RECEBIDO EM 29/08/2012 E APROVADO EM 12/10/2012.